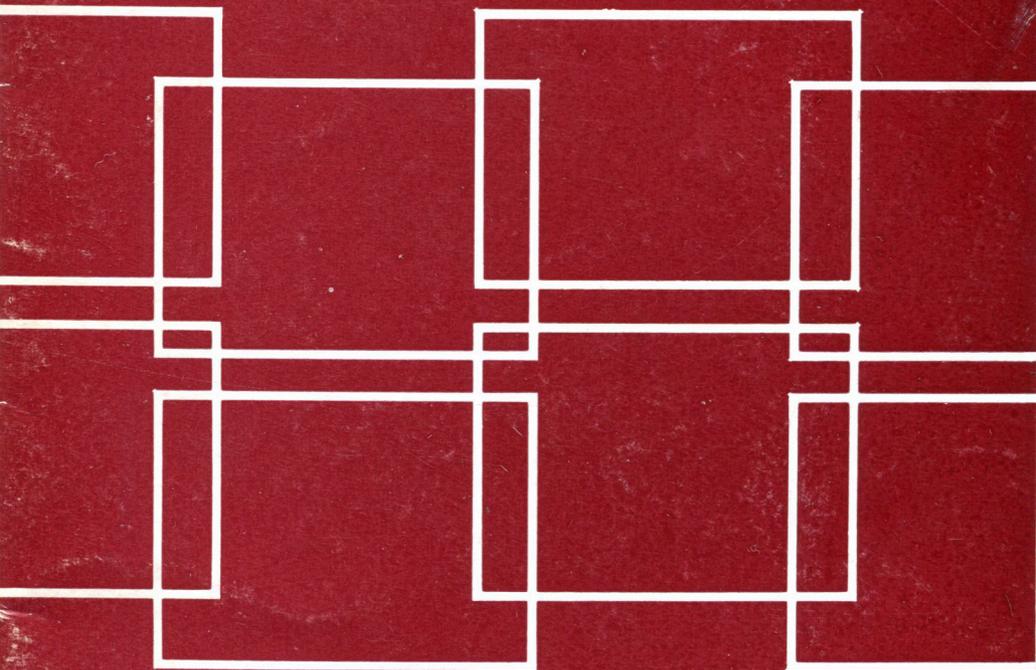


ARQUEOLOGIA : QUE FUNÇÃO SOCIAL ?



MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA

junta distrital de setúbal

1977

ARQUEOLOGIA : QUE FUNÇÃO SOCIAL ?

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOGRAFIA

junta distrital de setúbal

1977

A Arqueologia na Revolução Portuguesa *

por CARLOS TAVARES DA SILVA

Como qualquer actividade humana, o trabalho científico não é apolítico. O cientista, e por conseguinte o arqueólogo, é, antes de mais, um cidadão, insere-se num contexto social em permanente devir. Como tal, tem forçosamente de acusar os mais profundos anseios e necessidades das classes em luta pela transformação da sociedade. O seu trabalho tem, pois, que estar politicamente empenhado.

A estrutura do nosso país passa neste momento por mudanças profundas. E é altura de nós, arqueólogos, nos interrogarmos acerca da função social da actividade científica a que nos dedicamos.

Há certamente quem fique satisfeito ao pensar que todo o labor científico representa por si só um importante contributo social. Mesmo sem ser imediatamente aplicado, potencialmente encerra, sem dúvida, uma poderosa alavanca de progresso. Mas em momentos históricos como o que atravessamos, torna-se imperioso que o cientista vá muito mais longe e coloque de forma directa e imediata o produto das suas pesquisas ao serviço da sociedade, ou melhor dizendo, das classes sociais que produzem o seu avanço.

Em duas frentes que por vezes se confundem pode o

* Este texto serviu de base ao debate realizado no II Colóquio Arqueológico de Setúbal, em 7 de Novembro de 1975. Foi apresentado pelo Secretário do Colóquio, Carlos Tavares da Silva e aprovado nas suas linhas fundamentais.

arqueólogo, aqui e agora, e na perspectiva traçada, orientar o seu trabalho.

1. A divulgação dos resultados adquiridos pela pesquisa arqueológica, efectuada numa perspectiva progressista junto de vastas massas da população, é susceptível de contribuir para a formação de mentalidades revolucionárias.

Parece-nos de realçar, nessa divulgação, os seguintes aspectos :

- A origem animal do ser humano ;
- O Homem como um ser social por natureza (considerando que um dos principais factores que intervieram no processo da sua origem foi o instinto social dos pré-hominídeos).
- O não fundamento científico do racismo (com base no conhecimento de que as raças humanas se formaram quando o *Homo sapiens*, nos primeiros tempos da sua existência, se expandiu por todo o globo, e constituíram formas de adaptação a meios muito distintos, separando-se apenas por insignificantes características físicas) ;
- A transformação constante das sociedades humanas que atingem no processo de desenvolvimento formas cada vez mais complexas ;
- A propriedade privada dos meios de produção e as classes sociais como fenómenos surgidos somente em determinada fase do processo histórico e resultantes do desenvolvimento das forças produtivas ;
- A situação social de subalternidade da mulher como um fenómeno puramente histórico determinado pelo seu afastamento da produção social no momento em que surgiu a propriedade privada dos meios de produção ;
- A guerra como um fenómeno não eterno, inexistente durante quase toda a pré-história, em pleno comunitarismo primitivo, ocorrido somente quando, pelo desenvolvimento

das forças produtivas, apareceram grupos humanos com interesses muito distintos e por vezes antagónicos (em geral aquando da primeira grande divisão social do trabalho);

- A Arte como reflexo do desenvolvimento das forças produtivas e das necessidades mais prementes do ser humano em cada época da sua evolução histórica;

Para a divulgação destes e de outros aspectos, preconizamos os seguintes meios :

- Realização de sessões sobre a origem e a evolução do Homem, acompanhadas de projecções de diapositivos, ilustradas com exemplos da nossa pré-história e antiguidade clássica, e levadas a efeito de preferência em casas do povo, casas da juventude e sedes de cooperativas agrícolas;
- Formação de equipas de jovens destinadas a percorrer as zonas rurais; tais equipas, munidas de mostruários de peças arqueológicas, procederiam simultâneamente ao inquérito sobre a ocorrência de achados arqueológicos e à divulgação, em bases materialistas históricas, do significado desses achados;
- Organização das colecções de arqueologia dos museus em moldes didácticos, ilustrativos do processo histórico;
- Utilização das escavações arqueológicas como motivos de animação cultural das populações locais;
- Aproveitamento dos monumentos arqueológicos como meio de *ensinar História*, no âmbito de uma ampla política de turismo cultural.

2. Intimamente relacionado com os objectivos do ponto anterior encontra-se o turismo cultural, poderosa força de entendimento entre os povos, que, baseado em grande parte na descoberta, conservação e revalorização das estações arqueológicas, requer do arqueólogo ampla participação.

Nessa participação inscreve-se com especial relevo a salvaguarda do Património Arqueológico.

Numa altura em que o país vai arrancar para um grande desenvolvimento agrícola e urbano-industrial, torna-se imperiosa a mobilização, efectuada por organismos de planeamento regional (Juntas Distritais, por exemplo), de todos os que em Portugal estão ligados à Arqueologia, a fim de se proceder à inventariação e defesa dos sítios com interesse arqueológico, actividade a integrar num plano conjunto de defesa do património cultural e de fomento.

No que se refere à valorização turístico-cultural dos monumentos arqueológicos citam-se, a título de exemplo, algumas medidas a tomar :

- Sinalização nas principais vias de acesso ;
- Referência nos guias turísticos ;
- Colocação, junto de cada monumento, de placas explicativas ;
- Publicação de brochuras de grande tiragem, escritas em linguagem acessível e onde seja fornecida uma panorâmica do contexto histórico-cultural em que o monumento se insere ;
- Organização de museus monográficos que, em muitos casos, poderão conter apenas as réplicas dos materiais exumados nas respectivas estações e ser montados em construções pré-fabricadas ;
- Esclarecimento das populações locais acerca do valor e significado histórico do monumento, de forma a que conscientemente o defendam e forneçam aos visitantes explicações correctas ;
- Organização de visitas colectivas guiadas (excursões), dirigidas muito especialmente às massas trabalhadoras, actividade na qual a juventude devidamente instruída poderá dar uma valiosa colaboração.

Para a concepção histórica das exposições arqueológicas *

por JIŘÍ NEUSTUPNÝ

Creio poder afirmar que muitos arqueólogos dão por concluído o seu trabalho com a descrição dos achados, sua classificação morfológica e decorativa, datações relativas e absolutas, em alguns casos com a reconstituição da sua tecnologia e pouco mais (1).

É certo que um tal trabalho conduz a resultados fundamentais. É necessário reconhecer, sem reservas, o importante papel da classificação arqueológica dos testemunhos materiais pertencentes às civilizações antigas — mas torna-se também necessário pôr a questão de saber a quem servirão todas as classificações arqueológicas se elas representarem a finalidade das nossas pesquisas sobre a história mais antiga da humanidade. A classificação arqueológica será suficiente para reconstituir o quadro da pré-história da humanidade? Ela não pode em si mesma bastar para a compreensão e a descrição da nossa história mais remota.

Problemas idênticos podem ser levantados quanto às exposições museológicas consagradas à pré-história.

Tal como a descrição e a classificação predominam na

* Traduzido do francês. Publicado em «Casopis Moravského Musea», LVII, 1972. O autor pertence ao Museu Nacional de Praga.

(1) Sob outra perspectiva a crítica da chamada arqueologia pura foi já efectuada, por exemplo, por M. Wanchope no prefácio aos Seminars in Archaeology: 1955, p. v. («American Antiquity», vol. XXII, Nr. 2, Part 2 — «Memoirs of The Society for American Archaeology», Nr. 11) Salt Lake City 1956: «There are doubtless some archaeologists who never seek anything above ground level, or who become obsessed with classification for classification's sake, and who know little and care less about the nature and processes of culture».

literatura da especialidade, também a maioria dos museus se limita a expôr peças arqueológicas classificadas e não a história da sociedade primitiva.

Penso que o visitante comum beneficia relativamente pouco de uma simples exposição de achados arqueológicos, excepto quando entram em jogo razões locais ou pessoais (caso dos coleccionadores, por exemplo), ou quando admira os objectos enquanto notáveis curiosidades.

Por outro lado, a classificação arqueológica constitui uma disciplina fechada, acessível apenas aos especialistas.

Não pretendo, contudo, condenar as exposições de achados arqueológicos. Algumas podem dizer muito não só aos arqueólogos, mas também ao grande público, dando aos visitantes uma idéa acerca da actividade do museu, informando-os sobre os novos achados e a sua importância para o progresso dos nossos conhecimentos, mostrando os resultados das escavações e os métodos utilizados. Todas as exposições deste tipo permitem a cada visitante, em particular ao amator interessado, penetrar no domínio arqueológico e servem simultâneamente de importante guia para a protecção dos monumentos pré-históricos.

As exposições de carácter puramente arqueológico (no sentido restrito do termo) podem ir ainda mais longe. Podem demonstrar a evolução e a distribuição de certos tipos ou grupos de achados arqueológicos, ser orientadas para os problemas da sua tecnologia e função, etc.. Estas exposições incitam os visitantes à comparação do passado longínquo com o passado recente ou a época actual.

Mas, mesmo quando estas exposições possuem elementos e traços históricos e se dirigem mais ou menos para uma concepção histórica, não demonstram, contudo, a história da sociedade primitiva.

A classificação arqueológica não possui a força suficiente para transformar as fontes do conhecimento em documentos (testemunhos) dos fenómenos da sociedade primitiva. Os materiais arqueológicos, só por si, sejam quais forem as classificações adoptadas não passarão nunca de fontes «brutas» do ponto de vista da história da sociedade primitiva. Se, por

consequente, expusermos os achados arqueológicos segundo uma orientação clássica deixamos ao visitante a tarefa de transformar alguns objectos-fontes em objectos-documentos (testemunhos) da vida pré-histórica, de, sozinho, descobrir o carácter e o desenrolar da evolução da civilização primitiva e de reconstituir a sociedade pré-histórica. Ora, não é lícito pedir isso aos visitantes, desconhecedores, normalmente, dos métodos arqueológicos e do processo geral da sociedade pré-histórica. Pelo contrário, os materiais arqueológicos devem assumir o papel de documentos, de testemunhos de certos fenómenos históricos da vida e não permanecerem vestígios em estado bruto, à livre escolha dos visitantes.

Muitos museus, reconhecendo a situação referida, tentam não somente oferecer ao visitante a oportunidade de apreciar peças arqueológicas, mas principalmente que ele leve da visita uma idéia sobre a natureza e o sentido da evolução da sociedade primitiva.

A apresentação da história da sociedade primitiva deve corresponder, por um lado, ao desenvolvimento dos conhecimentos sobre a arqueologia pré-histórica e, por outro, satisfazer as possibilidades de percepção dos visitantes.

Os preparativos de uma tal exposição começam então pela avaliação de todos os dados arqueológicos existentes quer se trate de material publicado na literatura da especialidade quer de peças depositadas em colecções de museus.

Com efeito, para abordar o papel histórico das descobertas arqueológicas é necessário possuir uma base arqueológica sólida que só será atingida quando forem classificadas as formas e a decoração, a tecnologia e a função dos objectos, quando forem determinadas a sua posição no seio das civilizações antigas e a sua datação relativa e absoluta.

A interpretação histórica de todos esses dados deve ser efectuada de acordo com certas categorias, como por exemplo : a obtenção dos alimentos e das matérias primas necessárias ao fabrico dos utensílios, armas e outros equipamentos ; as funções económicas e sociais dos utensílios, armas, vestuário e adornos ; as obras colectivas ; os povoados, sua fortificação e urbanização;

a troca e o seu papel na difusão dos elementos culturais ; a arte ; o conhecimento da natureza e o seu reflexo na medicina primitiva ; os cultos religiosos, incluindo os rituais funerários ; a formação das nacionalidades ; a diferenciação social ; a criação das formações do Estado (2).

A classificação arqueológica destas categorias não é, naturalmente, suficiente para a reconstituição da pré-história. O estudo das descobertas arqueológicas não pode fornecer por si só uma imagem plenamente compreensível da vida da sociedade pré-histórica. Uma tal imagem não pode ser obtida senão estudando ao mesmo tempo os fenómenos e os resultados gerais da etnografia e da história, construindo modelos para a sociedade pré-histórica (3). Ao mesmo tempo, torna-se necessário recorrer a métodos estatísticos e a outros para forçar os grupos de materiais arqueológicos a revelarem-se num sentido explicável pelo concurso de um modelo.

É somente após uma tal elaboração arqueológica e histórica que se torna possível escolher as peças que demonstrarão melhor as categorias históricas acima mencionadas.

Penso que por este processo as fontes arqueológicas «brutas» se transformarão em documentos (testemunhos) da evolução histórica (pré-histórica). Assim, torna-se evidente a diferença entre a função dos objectos arqueológicos nas exposições de concepção arqueológica restrita e a função dos mesmos nas exposições de concepção histórica.

Os documentos (testemunhos) arqueológicos escolhidos são então apresentados segundo a sua categoria histórica e no quadro da cultura em que se integram — as categorias respectivas repetem-se pois em cada cultura. Como as culturas são representadas na vitrina segundo a sua relação cronológica, o visitante pode seguir a evolução das diversas categorias. Por

(2) Sobre a introdução dos modelos na interpretação histórica dos factos arqueológicos : Evzen Neustupny, Základní prehistorické modely. «Dejiny a soucasnost», IX, 4, p. 32. Praha 1967.

(3) A lista das categorias respeitantes à economia, à sociologia e à ideologia da vida pré-histórica foi apresentada por V. G. Childe, Piecing Together the Past. The interpretation of archaeological data. P. 129. London 1956.

outro lado, numa exposição de concepção histórica é necessário englobar as culturas em grandes unidades de significado económico-social. Assim, são apresentadas no quadro dos períodos da evolução da sociedade primitiva. Estes grandes períodos pré-históricos podem naturalmente variar em alguns detalhes mas devem seguir os traços principais da evolução económica e social da pré-história (4).

Para a realização das teorias expostas, para a apresentação verdadeiramente histórica da pré-história, é conveniente a utilização de uma única vitrina, contínua, sem qualquer divisória interior, de forma a constituir um espaço livre onde a evolução pré-histórica seja apresentada sem interrupções. As vitrinas separadas, isoladas umas das outras fragmentam a imagem da evolução e tornam-na pouco clara.

Pretende-se assim: que tudo o que está exposto forme um conjunto visualmente coerente; apresentar as correspondências entre a descrição dos fenómenos históricos e as civilizações expostas; apresentar a evolução contínua do povoamento de um determinado território. Para isto, recomendamos a instalação, sobre o fundo da vitrina contínua, de uma banda em relevo sobre a qual são indicadas as grandes unidades da evolução pré-histórica seguidas, por cima, das indicações de carácter social e, por baixo, das de carácter económico. E se os textos e os objectos arqueológicos repousam sobre uma base da mesma cor, a relação entre eles torna-se mais clara para o visitante da exposição. Esta banda em relevo, mudando de cor, representa um laço visual entre os objectos arqueológicos e os textos explicativos, sublinha o povoamento contínuo do território, englobando num conjunto a exposição inteira e tornando-a mais histórica. Desejo ainda salientar que os textos explicativos mencionados representam a elaboração histórica,

(4) Para uma informação mais detalhada sobre a realização de uma exposição pré-histórica no Museu Nacional de Praga: Jiri Neustupny, *Archäologie oder Urgeschichte?*, «Neue Museumskunde», Jahrg. 11, Heft 1, p. 8. Berlin 1968. — Jiri Neustupny, National Museum, Prague: new presentation of the exhibition on prehistory —Musée National Prague: nouvelle présentation de l'exposition sur la préhistoire. «Museum» (UNESCO), Vol. XXII, N.º 1, p. 10. Paris 1969.

económico-social, dos materiais arqueológicos estudados com a ajuda dos modelos.

Deste modo, pode-se mostrar ao visitante qualquer coisa mais do que simples peças arqueológicas.

Não considero naturalmente a referida via de apresentação como ideal e tenho consciência das suas vantagens e desvantagens e da necessidade de continuar a desenvolver a idéia fundamental que consiste na apresentação da vida social pré-histórica e não de peças classificadas nas exposições permanentes dos museus. É necessário proceder a outros ensaios e assegurar os seus conteúdos científico e educativo.

A museologia é uma disciplina progressiva que deve aperfeiçoar continuamente os seus princípios e os seus métodos e levar os museus a dar ao grande público de um modo progressivamente mais perfeito e sugestivo os resultados das disciplinas científicas que neles são representadas. E no quadro deste esforço não se pode deixar de realizar novas experiências e profundas modificações das tendências tradicionais das exposições nos museus (5).

(5) M. V. Hruby contribuiu, na qualidade de Conservador - Chefe do Departamento de Pré-história do Museu da Morávia em Brno, para numerosas exposições que ultrapassaram os moldes tradicionais da museologia. Eis porque publico este artigo na COLECTANEA DE TRABALHOS CONSAGRADOS A SUA HOMENAGEM.

COMPOSTO E IMPRESSO
NA TIPOGRAFIA RÁPIDA
DE SETÚBAL, LDA.
TELEF. 23709 - SETÚBAL